

O velho DC-3, com 50 anos de voo, ainda agüenta fazer três viagens por dia.



O primeiro contacto do ianomami com a civilização foi uma carga de chumbo na barriga

# Roraima vive hoje a maior corrida do ouro do país

Ricardo Lessa

Os primeiros tiros foram disparados há um ano e um mês. Morreram três índios ianomamis e quatro garimpeiros. E foi dada a partida para a mais recente corrida do ouro no país. Em pouco mais de um ano, o ex-território de Roraima, com sua área quase igual à do estado de São Paulo e população que caberia sentada no estádio do Maracanã (que tem capacidade para 155 mil pessoas, passou de um plácido refúgio para cavalos selvagens a um dos cinco maiores produtores de ouro do país.

Hoje, saem das matas que cobrem o oeste do estado, área reivindicada para a construção do Parque Indígena Ianomami, 30 quilos de metal por dia, 10 toneladas por ano, ou Cz\$ 12 bilhões, mais que o dobro do que produz Serra Pelada atualmente. Essa riqueza transformou em pouco tempo a calma capital Boa Vista, que lembrava uma base militar, num fervilhante centro de atração. Seu aeroporto, que assistia a algumas dezenas de pousos semanais, é atualmente um dos mais movimentados do país, com 240 pousos e decolagens por dia, pouco menos que o Galeão, no Rio de Janeiro, que soma 290 nos meses de pico.

Pilotos, aviões e helicópteros de todos os lugares do Brasil, e até de outros países (ver quadro abaixo), chegam a Boa Vista, atrás da moeda forte, paga à vista. Há mais de 200 aviões e 13 helicópteros operando nos garimpos de Roraima. Desde um velho DC-3, que começou seus serviços no início da 2ª Guerra Mundial, até um moderno helicóptero da Selecta, empresa de Naji Nahas, servem para levar combustível, máquinas e mantimentos para os garimpeiros.

**Prosperidade** — Tudo que voa é alugado a peso de ouro. Meia hora de voo de helicóptero, que leva a vantagem de poder pousar em qualquer clareira de floresta e levar suas cargas em redes, está custando 180 gramas de ouro, pouco menos de Cz\$ 2 milhões. A hora de voo em monomotor é mais barata, Cz\$ 400 mil. O DC-3, que apesar de seus 50 anos ainda leva 3 mil quilos de carga, cobra Cz\$ 2,5 milhões pelo mesmo percurso.

Esse parece ser o negócio do momento em Roraima. O empresário Elton Rohnelt, da Goldmazom,

comprou no início do mês por 1 milhão de dólares (cerca de Cz\$ 560 milhões) um Bandeirantes, novinho em folha, que servia aos executivos do Banco Noroeste. Mal aterrisou em Boa Vista, foi *descascado*, ou seja, despojado de seu interior de luxo e mesmo de seus assentos, e começou a carregar querosene e rancho para os garimpeiros, em cinco viagens diárias para a pista do Paapiú, a uma hora de voo de Boa Vista.

A prosperidade se irradia do aeroporto para o Centro da cidade. O dono das lojas Paracaima, de materiais de construção, e também presidente da associação comercial local, Ubirajara Riz, não esconde seu contentamento pela movimentação econômica provocada pelo garimpo. Embora não tenha números, ele acredita que as vendas tenham triplicado em relação ao ano passado. O gerente local do Banco do Brasil calcula que o volume de depósitos também triplicou. O secretário de Finanças do estado, Stênio Nascimento, diz que a arrecadação do ICM (Imposto sobre Circulação de Mercadorias) está em torno de Cz\$ 40 milhões mensais e será, descontando a inflação, 100% maior que a do ano passado, apesar de toda evasão fiscal, que é grande.

Essa animação econômica pode,

porém, acabar de uma hora para outra. Toda a atividade garimpeira vem sendo realizada em área indígena. Nessas áreas, a rigor, só é permitida a entrada de qualquer pessoa mediante o cumprimento de uma extensa portaria, que exige, além da aprovação da Funai, a dos líderes indígenas locais, mais exames médicos, declarações de intenções, projetos de trabalho, entre outros itens. Na prática, a portaria só vigora para jornalistas, mais exatamente para quem carregue máquinas fotográficas, ou pessoas que pareçam inconvenientes à administração da Funai. No entanto, qualquer garimpeiro ou curioso que queira entrar ilegalmente na área o consegue sem muito esforço: basta pagar a passagem, a Cz\$ 50 mil cruzados, num dos muitos monomotores que operam no aeroporto de Boa Vista, e pronto.

O administrador regional da Funai em exercício, Glênio da Costa Alvarez, diz que não tem como deter a invasão dos garimpeiros em áreas indígenas, pois precisaria do apoio da polícia. O secretário de Segurança da Roraima, coronel Santos Rosa, diz que seu efetivo de 750 homens é insuficiente para tomar conta de toda a região e que precisaria de um reforço do Exército. O Exército, representado pela Secretaria de As-

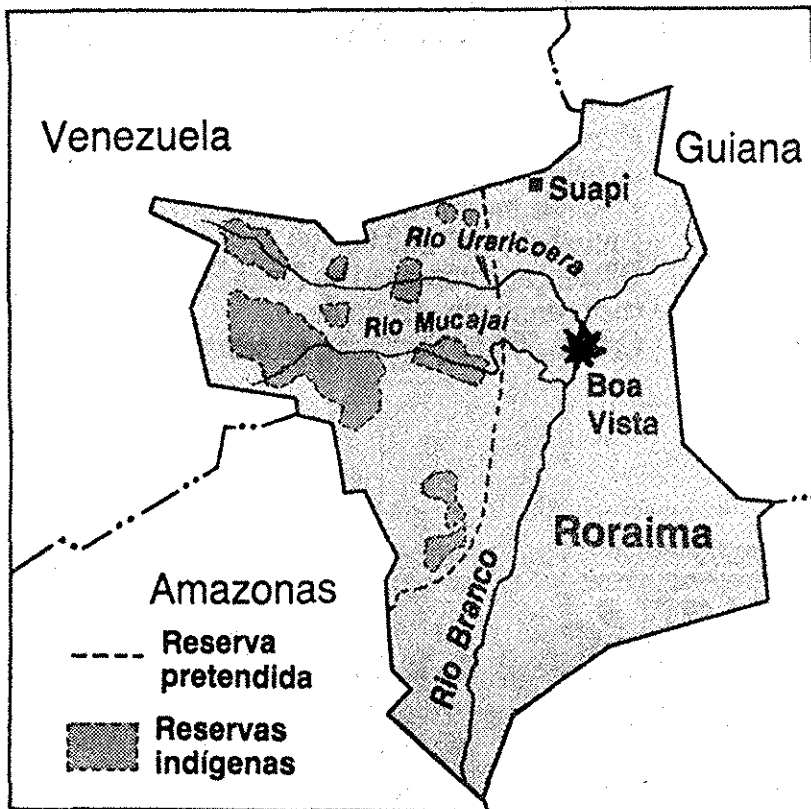
essoramento de Defesa Nacional, ex-Conselho de Segurança Nacional, alega que está impedido de agir, por força de um mandado judicial do Tribunal Federal de Recursos, que proibiu o aprisionamento de aviões e pilotos.

**Índio baleado** — Todas as autoridades se declararam, então, de mãos atadas para proteger os índios. Os 9 mil ianomamis, que eram considerados um dos últimos grupos primitivos na face do planeta que mantinham intocadas suas tradições, estão sendo rapidamente *aculturados*, sem o menor cuidado. Muitos adoecem, outros morrem num processo mais do que conhecido na história do país.

Um exemplo de como o contacto entre brancos e índios vem sendo travado em Roraima pode ser visto, no início do mês, no Hospital Coronel Mota, em Boa Vista. Um ianomami de cerca de 13 anos foi trazido de helicóptero de uma área de garimpo no extremo oeste do estado, próxima à fronteira com a Venezuela, com uma carga de chumbo na barriga, disparada por um garimpeiro de nome Gabriel.

Sem falar uma palavra de português, ele contou a um intérprete que estava caçando com um amigo. Esticou seu arco e tentou acertar um mutum, pássaro preto do tamanho de um peru, mas errou a flechada. Em seguida, subiu na árvore para buscar a flecha, quando ouviu o barulho da aproximação de um grupo de garimpeiros. Ai, ele repete os últimos sons que ouviu, antes de chegar ao hospital. "Macaço, macaço, pah!". Depois disso foi carregado por outros índios até o local onde havia um helicóptero, que o levou para o hospital, no qual foi posto numa enfermaria comum, junto com outros doentes, a maioria garimpeiros em tratamento de malária.

O novo governador do estado, nomeado pelo presidente José Sarney, Romero Jucá, ex-presidente da Funai, não havia tomado conhecimento do incidente com o ianomami até duas semanas depois de ocorrer. Ele promete, no entanto, iniciar imediatamente a demarcação das terras indígenas, reduzidas a 10 ilhas, cercadas por uma área de Floresta Nacional, que segundo Jucá, servirá de "amortecedor" do contacto com os brancos para os ianomamis.



Reserva dos índios, mesmo, reduzida não é respeitada



"Coronel" Levindo aponta a fronteira venezuelana

## Garimpeiro é guardião da fronteira

**H**á 34 anos, quando o coronel Levindo Inácio de Oliveira, hoje com 86 anos, chegou a Roraima, o território ainda se chamava Rio Branco. Ele já havia participado de três revoluções, engajado na coluna Prestes, mascateado por todo interior do Brasil, e se tornou um dos maiores diamantários (comerciante de diamantes) do Rio de Janeiro. Foi em Roraima que ele começou a comprar diamantes de uma remota região na fronteira do Brasil com a Venezuela, conhecida como Suapi, a 200 quilômetros em linha reta de Boa Vista, só alcançável por avião. Aliás, ele já sofreu 10 acidentes.

Como bom mineiro, nascido em Uberaba, aparentado de Juscelino Kubitschek, Levindo nunca deixou de visitar os conhecidos e a família. Numa dessas visitas, contam alguns, se aborreceu com os negócios, contam outros que o jovem Levindo era muito afofegado, e precisou ir para longe de Minas por uns tempos. Acabou no Suapi, que até hoje consta no mapa do Brasil graças a sua fazenda.

Ele diz que ficou no simplesmente porque gostou. Ali ele casou pela segunda vez, com a cearense Maria Cota dos Santos, com quem teve oito filhos. A mais nova, Fátima, com 20 anos, é quem o ajuda, agora que a visão começa a faltar, a comprar diamantes. Sua produção é de 200 quilates por mês (Cz\$ 8 milhões a Cz\$ 10 milhões) entre pedras de todos os tamanhos, e 300 gramas de ouro.

Seu garimpo funciona, entretanto, de forma muito diferente dos que ficam do lado oeste de Roraima. Na sua fazenda de 2.500 hectares, abrangendo 12 quilômetros da fronteira do Brasil com a Venezuela, convivem pacificamente garimpeiros, uma mineradora, a Andrade Gutierrez, e índios macuxis, uma mistura explosiva em outros locais do país. O velho coronel consegue acomodar todos os interesses. Olhando o outro lado de

Roraima, com todos os seus conflitos, ele comenta apenas que "há lugar para todos, falta apenas administração".

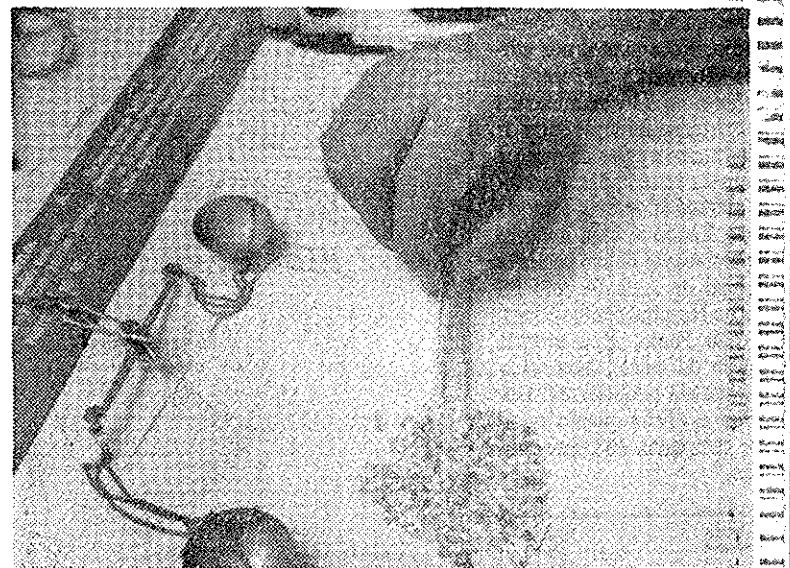
Nem a idade nem a distância o fazem despreocupado com a situação do país. Em sua casa, uma construção de um só andar, avarandada, com quatro quartos, ele mantém dois rádios, com os quais se comunica duas vezes por dia com os filhos, em Boa Vista, faz as encomendas e dá ordens a seus procuradores, e uma televisão, na qual vê o noticiário. Logo que encontrou o repórter perguntou sobre os acontecimentos em Volta Redonda. "Eu assisti à inauguração", assinalou - e disse ter achado o povo muito "exaltado".

**Lutas** — "Com a nova Constituição, isso vai melhorar", diz ele, otimista. O coronel conta que formou ao lado dos tenentes, na década de 20, foi preso antes de lutar na revolução de 30, e enfrentou os separatistas paulistas, em 1932. Ele integrou a coluna comandada pelo Major Astrogildo de Queiroz França, subordinado de Prestes, e entrou na Bolívia em 1926. Até hoje, ele mantém hasteada a bandeira do Brasil, ao lado de sua casa. Um de seus rádios foi cedido pelo governo federal, para que ele avisasse sobre qualquer eventual anomalia na fronteira.

Com uma memória prodigiosa, ele consegue reproduzir os lances do combate ao cangaceiro Anibal Vieira.

"Com 26 anos tinha 26 mortes" que semeava o terror em Governador Valadares, na década de 40. Ele conta que por essa época foi ao Rio de Janeiro pela primeira vez. "Era uma cidadezinha lá por acaso, agora é só arranha-céu." Os prédios são outra paixão do velho Levindo. Ele assistiu à construção das fundações do Edifício Martinelli, em São Paulo, e lembra ter visto o próprio Martinelli caminhando atrás dos caminhões, a carregar material de construção, para não desperdiçar.

Mesmo enxergando pouco, Levindo controla, com sua mulher, Dona Cotinha, todo os negócios da fazenda ajudado, pela filha Fátima e o enteado, Simeão. Quando pode, gasta um bom tempo com seu vizinho, João Raimundo da Silva, apelidado Mira Boa, que mora a oito minutos de avião. (R.L.)



Suapi produz 200 quilates de diamante bruto por mês

## O 'Crocodile Dundee' voador de Boa Vista

Professor de física nuclear da USP prefere o garimpo

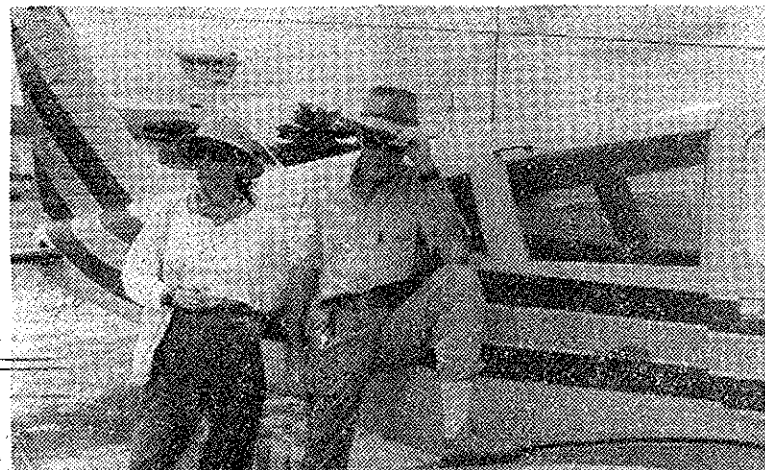
**N**ascido em Tampa, Flórida, EUA, há 49 anos, Bill Wylie veio para o Brasil, em 1971, dar aulas de física nuclear na Universidade de São Paulo (USP). Gostou e ficou. Mas seu hobby sempre foi a aviação. Tirou brevê em 1973 e, desde então, prefere pilotar seus aviões, quando sai de férias para os Estados Unidos. Há alguns anos, entretanto, começou a se cansar do baixo salário de professor universitário e a pensar em outras alternativas para ganhar dinheiro. Há três meses se mudou, com a mulher, a pesquisadora da USP Angélica Piemonte, para Boa Vista e está radiante: "Em um dia aqui, eu ganho mais do que em um mês como professor".

É verdade. Um piloto em Roraima ganha hoje, em média, Cz\$ 250 mil limpos por dia, fazendo dois a três voos. O que perfaz, em 20 dias trabalhados, um salário de Cz\$ 5 milhões. Um cifra inimaginável para um professor universitário. Suado, com seu inseparável chapéu gênero "Crocodile Dundee", Bill não reclama nem do calor. "Na Flórida é pior, aqui o clima é seco", explica, com seu forte sotaque. Sua mulher, pesquisadora na área de linguística, aproveita os voos para estudar os diversos dialetos ianomamis e cuidar das contas do casal.

Ela acha que em um ano pode ganhar o suficiente para ir morar nos Estados Unidos.

Para isso é preciso, entretanto, enfrentar alguns riscos. Bill não aceita qualquer tipo de voo, carga além do limite ou pistas com menos de 300 metros. Seu monomotor Arrow, prefixo ISW, *India-Sierra-Whisky*, na linguagem de aviação, que já cruzou o Caribe oito vezes, é um dos mais bem conservados de Boa Vista. Por isso, o *Crocodile Dundee* de Boa Vista só teve problemas duas vezes, as duas antes de sua chegada em Roraima. Uma vez o avião capotou na pista; na outra, uma pane o obrigou a pousar numa fazenda.

A maioria dos pilotos que atuam na Amazônia há mais tempo já passou por muitos apertos. Apertos que começam na pista, com a negociação sobre a carga que é possível carregar. Os monomotores Cessna 206, os mais comuns nas áreas de garimpo, levam geralmente mais 100 quilos que o permitido. Em geral, os aviões saem abarrotados das pistas. Alguns proprietários, para não perder valiosos dias de produção de ouro, adiam ao máximo as revisões dos aviões. Aliada à precariedade dos aviões, a falta de rádios e de conhecimentos precisos de relevo tem como resultado um grande número de acidentes.



Bill e Angélica faturam voando para o garimpo

No mais recente, um bimotor Navajo e um monomotor Skylane chocaram-se dentro de uma camada de nuvens, sobre a pista do Paapiú, a mais movimentada do garimpo, matando todos os passageiros. Entre eles o irmão e braço direito do empresário Elton Rohnelt, Edgar, de 32 anos. Elton, um gaúcho, que chegou há 15 anos na Amazônia como madeireiro, acha que "a Amazônia cobra caro", mas acredita que vale a pena. "É uma espécie de vício", diz ele.

Elton não está sozinho. O comandante Hércules Freitas Filho, 43 anos, mineiro de Governador Valadares, há 18 anos na Amazônia, enfrentou oito panes nesta temporada. Em todas conseguiu pousar. Duas vezes em rios, as outras em fazendas ou descampados. Em cada hora de voo, entretanto, coloca Cz\$ 100 mil no bolso. "Vale a pena", diz ele, que já tem uma boa fazenda e podia parar de trabalhar, se quisesse.